



A influência da natureza nas interfaces do Islã

The influence of nature on Islam interfaces

Karolina dos Santos¹

Resumo: O presente artigo pretende abordar as formas de conexão com a natureza nas interfaces do islã. Desde o Alcorão, que é a base da religião, o lado místico com todo seu simbolismo e poesia, e também alguns processos ligados a certas islamidades e à modernidade. Para finalizar, trazer abordagens sobre a importância da conexão homem e natureza, e no que interfere nas questões de conflito, baseado nas ideias de Seyyed Nasr.

Palavras chave: Islã. Natureza. Rumi.Nasr.

Abstract: This article aims to address the ways of connecting with nature at the interfaces of Islam. Since the Koran, which is the basis of religion, the mystical side with all its symbolism and poetry, and also some processes related to certain groups in Islam and modernity. Finally, it brings approaches on the importance of the connection between man and nature, and what interferes in conflict issues, based on the ideas of Seyyed Nasr.

Key words: Islam. Nature. Rumi.Nasr.

Introdução

Não devemos negar a importância das práticas espirituais na modernidade, diante da correria, falta de diálogo e entendimento, de se sentir superior, de pensar o homem como o único ser com sentimento, e centro do universo. O islã e suas islamidades aparecem e trazem a ideia de conexão, do homem com todo o universo e principalmente com a natureza. Com essa ideia, traz uma espiritualidade universal, para o nosso atual mundo individualista.

Atualmente são colocadas questões sobre o perigo da guerra e terrorismo, da guerra contra a miséria humana, ou seja, falam de resolver, remover os problemas que são causados pela falta de equilíbrio entre o homem e a natureza, devido ao discurso de desenvolvimento que se baseia na dominação da mesma.

Abordar o pensamento eco-filosófico e eco-espiritual e como eles se conectam e se apresentam nas tradições religiosas e espirituais do mundo, tem uma contribuição significativa para a sustentabilidade do meio ambiente. É preciso

¹ Graduada em Ciências Sociais, Mestra em Ciência da Religião pela UFJF, Doutoranda em Ciência da Religião pela UFJF. E-mail para contato: apachesantos87@yahoo.com.br

enriquecer essas discussões atuais que tratam de questões ecológicas nas perspectivas religiosas.

Abordar questões sobre a natureza atrelada à crença islâmica, irá mostrar uma parte desconhecida pela maioria, porém de grande significado para o islã. Através da conexão com a natureza, principalmente quando se fala de islã, quebra-se a imagem construída de uma religião vista como guerra e violência. E irá mostrar também a crise ambiental, o afastamento da natureza não somente no ocidente.

Alcorão e natureza

O envolvimento do islã com a natureza é algo muito presente, porque envolve desde o processo de criação de Allah (*saws*), e está escrito no Alcorão, livro usado em todas correntes dentro da religião, seja ela mais mística, ou fundamentalista (seguindo todos fundamentos ao pé da letra).

A ética ambiental islâmica, como todas as outras formas de ética no Islã, é baseada em fundamentos legais que os muçulmanos afirmam ser formulados por Deus. Assim, no Islã, uma aceitação do que é legal e ético não envolve os mesmos processos que em culturas que baseiam suas leis em filosofias humanísticas (GOTTLIEB, 2004).

No Islã, a conservação do meio ambiente é baseada no princípio de que todos os indivíduos e componentes individuais da terra foram criados por Deus, e que todas as coisas vivas foram criadas com diferentes funções, funções cuidadosamente medidas e meticulosamente equilibradas pelo Criador Todo-Poderoso. Mesmo que vários componentes do ambiente natural sirvam à humanidade como uma de suas funções, isso não implica que o uso humano é a única razão de sua criação (GOTTLIEB, 2004).

No processo de criação, foram vários aspectos da natureza abordados, desde universo até elementos da natureza, revelando toda uma conexão, onde coloca o homem e natureza, parte de uma mesma criação. Na origem do universo, é mencionado as estrelas, e seu surgimento que no Alcorão era colocado tudo como fumaça: “Então ele transformou o céu quando era fumaça” (Alcorão 41:11). No mesmo ponto, o Alcorão menciona um fato importante, uma conexão entre o céu e a terra, dando ideia de algo em sincronia, algo orgânico. “Aqueles que não crêem, não sabem que os céus e a terra eram uma entidade conectada...” (Alcorão 21:30).

A respeito de alguns elementos da natureza, no Alcorão, menciona: “Não fizemos a terra como leito, e as montanhas como estacas?” (Alcorão, 78: 6,7) Vemos a relação homem e natureza, uma terra que nos acolhe, ou nina, e ao mesmo tempo com montanhas que sustentam, seguram. E segue uma outra citação: “E nós estabelecemos montanhas firmes na terra para que ela não se abale...” (Alcorão, 16:15). Podemos então pensar, se não há montanhas firmes a terra se abala, lembrando desmoronamentos de terra, erosões causadas por desmatamentos, acabando com as montanhas devido à exploração de minério. Foram vistos então vários momentos de “abalo” da terra.

Sobre as águas, o Alcorão traz o encontro delas, como exemplo do mar Mediterrâneo quando entra no Atlântico, e coloca como uma divisória, de águas que não se misturam. “Ele libertou os dois mares que se encontram. Existe uma barreira entre eles. Eles não a transgridem.” (Alcorão 55:19,20). A ciência irá descobrir posteriormente que as águas não se misturam devido a temperatura e salinidade diferentes. Ainda sobre as águas que se dividem, o Alcorão traz a água doce e água salgada, uma que seria também para o consumo e a outra não; “E ele é quem libertou dois tipos de água, uma doce, palatável, e a outra salgada e amarga. E ele fez entre elas uma barreira e uma divisória proibitiva.” (Alcorão 25:53).

Dessa forma, vemos a conexão homem, natureza, e Criador, escrito no livro para lembrar os fiéis, somos a criação de um mesmo Criador, de devermos respeito a todas criaturas. Construção e desenvolvimento são primordiais, mas nosso relacionamento com a natureza também inclui meditação, contemplação e prazer de sua belezas. Nasr (1968) argumenta que embora a relação ser humano e natureza ainda exista em tradições orientais, está sob ameaça devido à pressão do Ocidente, do secularismo e também da visão científica moderna .

O muçulmano mais perfeito foi o Profeta Muhammad, que gostava de contemplar a vegetação e a água corrente (GOTTSLIEB, 2004). Gottlieb (2004) aponta que as instruções legais no Islã não são negativas no sentido de forçar uma consciência. Pelo contrário, as instruções legais foram reveladas de tal forma que a consciência aprova e reconhece como corretos. Assim, a própria lei se torna uma parte da consciência humana, garantindo assim a sua aplicação e o seu sucesso.

Para além do Alcorão, no islã, dentro de outras islamidades, traz uma imagem da natureza, que por muitas vezes remete ao divino. A natureza então se torna uma ponte entre Deus e o homem.

A natureza e a interface mística

Adentrando no contexto de ponte entre Deus e o homem, temos o Sufismo, que é visto como uma corrente mística dentro do islã, com toda sua simplicidade, e referência à natureza, principalmente em suas obras poéticas.

De acordo com AZEVEDO (2000), o sufismo nasceu historicamente com o islã, e após a revelação, o profeta Muhammad (*saws*) instituiu duas correntes muito diferentes, uma obrigatória, e a outra ascética e vocacional, o sufismo. Sem dúvidas o sufismo pode ser desfrutado também por não muçulmanos, pois é uma das correntes mais ricas de espiritualidade nos dias atuais, além de religião possui toda uma filosofia, que propõe um bem estar e desapego.

O sufismo também possui suas particularidades em relação à natureza. Em algumas correntes do sufismo, é comum fazer uso dos chás, principalmente o chá verde. Há uma grande importância em ingerir alimentos provenientes da natureza, nada de excessos, mas o suficiente. Na tradição sufi, por exemplo, o simples fato de beber água tem um significado muito grande, primeiramente deve-se sentar, para beber água ou ingerir qualquer alimento. O ato de tomar água, além de hidratar o corpo, ela também purifica, tira a energia ruim, que vamos absorvendo durante o dia.

Um ponto de extrema beleza que deve ser ressaltado nesse estudo é uma ponte que é construída entre sufismo, natureza, divino e o homem. Através da poesia é estabelecida essa relação, a cada menção de algum elemento da natureza.

As flores no caso fazem sempre referência ao belo, simples, e puro. Há também referências às aves, como despertar, ou a busca da iluminação, encontradas nas obras dos autores de maior influência dentro do sufismo, tais como Rumi, Saadi, Attar e outros. Rumi, um dos mais conhecidos, fazia uma ligação com a natureza em suas obras, em seus poemas, as flores, pássaros e jardins sempre estavam presentes, sempre como referência ao divino, ao que há no nosso interior, o que há de belo em nós: “O coração é um jardim secreto onde se ocultam árvores.”

No Brasil, alega Azevedo (2000), o sufismo se manifestou em torno do século XIX, por conta dos malês trazidos ao país através do tráfico negreiro, os malês foram alfabetizados em árabe, e há muito pouco estudo referente à área.

Não se pode negar a influência dos principais autores, poetas do sufismo no mundo moderno, através de textos, parábolas e poesia. Para esses momentos focaremos em Rumi, mas outros poetas também irão fazer referências a natureza.

Rumi nasceu em Vakhsh, atual Afeganistão, em setembro de 1207. Seu pai, era místico e teólogo, e devido a um desentendimento teológico com o filósofo e também teólogo Fakhr, deixaram Khorassan e se estabeleceram em Konya na Turquia. O fato que mudou sua vida e jornada espiritual, foi seu encontro com o dervixe Shams de Tabriz, tal encontro provocou em Rumi uma grande transformação, e também o florescimento de suas poesias, que retratavam a natureza, e a experiência do amor divino.

De acordo com Faustino Teixeira, em seu artigo *Rûmî: A paixão pela unidade* o místico teve várias influências:

Na construção de sua vasta obra em poesia e prosa, Rûmî sofreu uma gama variada de influências, das quais o grande referencial permanece sendo o Corão e a tradição do profeta Mohammed (Maomé). Os biógrafos do místico assinalam também o influxo de outros místicos sufis importantes como Bistami, Dhu'n-Nun, Ibn 'Arabi e al-Hallaj. Ao lado da tradição islâmica pode-se ainda assinalar influências neo-platônicas e da tradição grega-cristã capadócia. A principal obra de Rûmî, o Masnavi, constitui uma feliz junção de poesia mística e tratado teológico-filosófico. Esta monumental obra, também denominada "Corão em língua persa", está dividida em seis livros, contendo cinquenta e um mil versos (25.630 dísticos). O seu tesouro principal, como lembra Mevlana, é o despojamento e a unidade (MVI, 1525 e 1528). Há, também, um importante tratado em prosa, denominado Fihi-mafihi, que pode ser literalmente traduzido por "nisso está o que aqui está". Neste "livro do interior", Rûmî exerce a função de mestre espiritual, com ensinamentos precisos visando a compreensão de seu pensamento. Quanto à obra lírica, já se mencionou suas odes místicas (Divan de Shams de Tabriz). (TEIXEIRA, 2003, p.3)

O repertório de Rumi é muito vasto, e de imensa riqueza. E para dar sequência a linha de pensamento, darei destaque a parte das obras do místico que referem à natureza, as flores e ao divino. Para Rumi, a natureza e o homem não se dividem, são parte de um mesmo criador, há uma união cósmica entre eles.

O coração é a morada da segurança, meus amigos;
Ele possui fontes e roseirais no seio dos roseirais.
Voltem-se para o rumo do coração e sigam, ó viajantes da noite;
Lá se encontram árvores e riachos de água viva. (RUMI, 1993, versos 515-516, p. 173).

Compreendo a mensagem do vento
O rouxinol ébrio me repete seu nome
Desta imagem estranha que vi sobre a porta do coração
em sua varanda consinto falar. (RUMI, 1993, p.177).

Na poética de Rumi é visível suas referências ao divino, relacionadas com o interior, como algo de belo que está dentro de nós, tais como os roseirais da alma. Nas suas obras há uma grande referência ao termo em árabe [*qalb*], que quer dizer coração, é nele que se encontra todas as respostas, o divino e a rosa. O coração é o palácio dos mistérios de Deus. Teixeira (2015, p.14) acrescenta sobre Rumi: “A graça de Deus é por ele percebida como uma realidade que transborda contínua e abundantemente sobre todas as criaturas”. No poema *Lua de Tabriz* Rumi ele fala da imensidão de Deus, com o oceano. De acordo com José Jorge de Carvalho em *Poemas místicos* (1996) “Rûmî buscava uma imagem viva do divino e estava apto a contemplá-la. Shams colocou-se no lugar do Amado, o que permitiu ao Rûmî refletir e realizar-se nele. Sol-espelho era um só tempo o Sol da verdade (Shams ul-Haqq como é chamado no poema “A lua de Tabriz”, que abre a presente antologia) e o espelho polido no qual Rûmî pôde reconhecer seu próprio sol em pleno brilho”.

Quando o mar quebrou-se em ondas,
A sabedoria divina lançou sua voz ao longe.
Assim tudo ocorreu, assim tudo foi feito.

Logo o mar inundou-se de espumas,
E cada gota de espuma
Tomou forma e corpo.

Ao receber o chamado do mar,
Cada corpo de espuma se desfez
E tornou-se espírito no oceano.

Sem a majestade de Shams de Tabriz
Não se poderia contemplar a lua.
Nem tornar-se mar. (CARVALHO, 1996, p. 27).

Rumi tinha um grande apreço pelo olhar interior, o ato de cuidar do nosso interno, para isso, era necessário silenciar a mente para ouvir a nossa voz interna, o coração, a voz da alma. O coração é dotado de capacidade, pulsação e oscilação que faculta a permanente percepção do Mistério sempre maior (TEIXEIRA, 2015). O divino é percebido no nosso interno, precisamos sentir com o coração. “Seja em silêncio. Não busque a fama. Ao invés, cavalgue seu cavalo para dentro do roseiral da alma. Tenho lá uma rosa te esperando.” (RUMI, 1992, p.75).

Se analisarmos as obras poéticas de Rumi, é imprescindível deixar de notar a presença das flores em seus poemas, principalmente as rosas. As rosas com todo seu

perfume e singularidade de cores nas obras de Rumi mostram um significado a mais, mostram o divino e suas sutilezas, o divino está aqui agora, no momento que a rosa se abre, no instante, no presente.

“Tudo em volta está verde.

As flores estão em todos os lugares. Todas as partículas sorriem refletindo a Beleza. Tudo brilha como pedras preciosas. Amado e amante estão em união em todos os lugares.” (RUMI, 1992, p.76).

As rosas também remetem à nossa melhor parte, ao nosso eu ainda a ser descoberto em meio as dificuldades. *As essências mais raras da rosa vivem nos espinhos*. As rosas trazem um simbolismo muito grande para os islã e principalmente nas obras de Rumi. Nesse trecho do Masnavi, traz a idéia da importância de aceitarmos a dificuldade, pois ela promove uma evolução, quando coloca que as essências mais raras estão nos espinhos, isso podemos remeter à fé, relacionamentos e nossas ligações com natureza e divino.

No desabrochar das rosas, e também de outras flores, nos convidam a valorização do momento presente, esta dádiva do estar aqui e agora. Podemos também colocar a imensidão e grandiosidade de Deus, proposta por Rumi: “O que foi dito a rosa e que a fez abrir-se, foi dito a mim aqui no meu peito”. Deus está inclusive no momento presente e nos detalhes, e sua grandeza é colocada em eventos da natureza. Sobre o divino dentro das obras de Rumi, Teixeira (2004) interpreta que “O Amado é nosso vizinho mais próximo, nós é que estamos distantes dele, porque estamos também distantes do mistério que nos habita” (TEIXEIRA, 2003, p. 6).

Ainda sobre a simbologia da rosa, existem umas conexões ainda não comprovadas, que a rosa também estaria ligada à família do profeta Muhammad, representaria sua linhagem, e a sua ligação com Deus. Dessa forma conectamos sempre o Criador com toda sua Criação, seja ela homem ou natureza, ambos são divinos.

Teixeira (2014) aponta que devemos revelar o islã a partir de dentro, radiante de espiritualidade, o islã da oração e também da hospitalidade. Ainda complemento, é preciso trazer a poesia, revelar a natureza presente no divino, pontos que são reforçados dentro da mística de uma maneira bela e singular, que maioria das vezes não é conhecida, assim como os pontos falados até aqui que conectam a natureza com a espiritualidade.

Modernidade, conflito e natureza

Saindo do ponto da essência da religião, do Alcorão e da parte mística regada a poesia, adentramos na modernidade que é regada a conflitos. Infelizmente a parte mais conhecida do islã é a sua relação com terrorismo e guerra, que veremos a seguir, dentro de contextos modernos. Porém, é importante frisar que não representam sua totalidade e muito menos a sua essência.

Cabe aqui trazer algumas questões que fazem parte desses conflitos, tais como a guerra relacionada à natureza. Tal ponto, conflito e natureza é algo para refletirmos sobre o momento atual: Teria a guerra, Oriente e Ocidente, no caso Oriente Médio versus EUA e Europa, ligação com a natureza e questões ambientais? Até que ponto questões sobre a natureza podem influenciar conflitos?

Antes de abordarmos a questão do conflito, é preciso relembrar alguns fatos ocorridos. Em 1992, criou-se a Convenção Quadro das Nações Unidas sobre a mudança climática que juntamente com o Protocolo de Kyoto que foi assinado em 1997 tornou-se o principal instrumento do regime climático (VIOLA, 2002). A questão climática é um desafio nas negociações internacionais, que buscam medidas de ação coletiva. Na época os EUA não assinaram o Protocolo, o Senado de maioria republicana em 1997 se posicionou que somente ratificaria se houvesse compromisso para todos os países indistintamente (VIOLA 2002).

Mas qual a ligação do protocolo de Kyoto como os eventos de terrorismo nos EUA que aconteceriam posteriormente?

Após os ataques de 11 de setembro, o islã ganha destaque na mídia de maneira equivocada, através da imagem do líder da Al Qaeda, Osama bin Laden. Devido a este fato, os objetivos do grupo se tornam conhecidos pelo Ocidente, quando Bin Laden, em uma de suas cartas declara jihad ao Ocidente, principalmente aos Estados Unidos. Osama bin Laden enumerou os motivos de forma clara, pelos quais explicariam seu pensamento e suas atitudes. Youssef Cherem (2009), em seu artigo, aponta as razões que levaram Osama Bin Laden a declarar jihad ao Ocidente: Os Estados Unidos são o país da – opressão, mentiras, imoralidade, depravação, fornicação, intoxicação, apostas e usura. Estabeleceram a democracia e a Constituição no lugar da Lei de Deus; Exploram as mulheres como mercadoria; Fazem do sexo uma indústria; Espalham doenças devido a seu comportamento promíscuo; Destroem a natureza e poluem o meio-ambiente mesmo assim não assinaram o Protocolo de

Kyoto; Lançaram as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki; Têm – dois pesos e duas medidas, e agem segundo seus interesses egoístas na política internacional; Não respeitam o Direito Internacional; Não respeitam os Direitos Humanos.

Osama bin Laden em uma carta escrita em outubro de 2002, aponta o seguinte trecho: “Destruístes a natureza com os vossos resíduos e gases industriais, mais do que qualquer outra nação da história. Apesar disso recusais-vos a assinar o acordo de Kyoto para poderdes garantir os lucros das vossas ávidas empresas e indústrias” (LAWRENCE, 2005). Bin Laden dizia que esta é uma mensagem para o mundo inteiro, é preciso mostrar aqueles que estão provocando as mudanças climáticas, e para pensarmos o que devemos fazer em relação a isso.

O fato não justifica a violência e nem o terrorismo, mas é importante trazer essas pautas e abordagens para repensarmos as relações. Existiu um pensamento por trás dos atos de 11 de setembro que é desconhecido, e a pauta ambiental é uma delas. A Al Qaeda não representa o islã, é um grupo, uma minoria, mas está presente na atualidade. Ao mesmo tempo em que o grupo se considera parte do islã, suas ideias fogem do ideal de paz pregado pelo o Islã, e de fato estão fora da visão de conexão com a natureza, e de respeito com todas as criaturas.

Quando são abordadas questões de guerra e conflitos devemos entender suas construções. De fato, o confronto entre Oriente e Ocidente não é algo que nasceu de uma hora para outra, foi algo construído, baseado nas relações estabelecidas entre os mesmos. E essas construções por vezes criam interpretações equivocadas. Os conflitos do Oriente e Ocidente estão para além das questões de natureza, já está no campo das ideias e maneiras de pensar e agir. E devido às interpretações equivocadas, um islã exterior, de fora, é apresentado, sendo que não representa realmente a sua verdadeira alma.

O teólogo iraniano Muhammad Khatami (2006), aponta que os seres humanos lutam para satisfazer suas necessidades materiais, e que faz com que queiram buscar um domínio sobre o natural, através das invenções e inovações. Porém, o anseio de dominar a natureza, altera a composição material e também o psicológico do humano, e cria novas necessidades e carências. Podemos colocar assim, quando se trata de Oriente e Ocidente, a ambição de dominar um ao outro nos afasta da natureza, e até mesmo de meios para encontrarmos o diálogo e meios para a paz.

Seyyed Hossein Nasr, filósofo iraniano, em uma entrevista concedida ao grupo de Estudos Regionais da Universidade do Qatar (2009) aponta que o principal problema, é que os muçulmanos, embora apaixonados pelo desempenho de seus deveres religiosos, não traduzem isso em uma maior consciência do ambiente ao seu redor. Isso resulta como uma "desconexão" entre a força da fé muçulmana e a forma como as ações e atividades diárias das pessoas não seguem os princípios islâmicos. De acordo com Nasr, é ter em mente que, Deus é a natureza e o meio ambiente. O Islã é parte integrante do meio ambiente, pois é a conexão que os humanos têm com o divino. Dado este fato, o ensino religioso é fundamental para a sobrevivência humana, pois informa as pessoas sobre como respeitar seus ambientes naturais e como honrar todas as criaturas vivas, das quais somos apenas uma espécie. Toda criatura tem seus direitos, independente do ser humano, e para reverter a crise atual, disse ele, é imperativo que consideremos a natureza sagrada.

Nasr (1968) enfatiza que no Islã, e também em outras religiões reveladas, as ciências cosmológicas estão intimamente relacionadas ao conhecimento divino que é adquirido através da revelação, mas tudo irá depender da perspectiva do observador no caso, ou até da essência da civilização em si de como esses valores serão cultivados. Nasr critica muitos estudiosos muçulmanos modernos por enfatizar um lado da identidade humana em detrimento do outro. Ele tem uma compreensão crítica do ser humano, que envolvem direitos do ponto de vista islâmico. Nasr coloca que as responsabilidades precedem direitos.

Nasr (2003) aponta problemas ambientais nos países muçulmanos e sugere como eles devem resolver de acordo com a perspectiva islâmica. A industrialização descontrolada é vista como um câncer no corpo da natureza, o que levaria à destruição do sistema natural. E os países islâmicos não estão imunes a esta doença generalizada. De acordo com Nasr, estudiosos muçulmanos poderiam desempenhar um papel vital na restauração da relação entre os humanos e a natureza, mas não fizeram devido aos seus deveres e outras causas.

A sensação de harmonia entre os humanos e a natureza declinou no Ocidente sob a influência da filosofia aristotélica e da ascensão das ciências modernas. A ciência moderna é baseada na compreensão dos fenômenos, enquanto a ciência sagrada implica em contemplar a realidade que está além de qualquer fenômeno (NASR, 1968). Podemos lembrar aqui no momento que foi citado o profeta Muhammad que praticava a contemplação, assim também como os muçulmanos



sufis. A ciência moderna ignora a metafísica, é vista como valor livre, mas a ciência sagrada é incorporada em valor absoluto. É por isso que a ciência e a tecnologia, de fato, podem ser usadas para destruição quando os humanos as utilizam para obter controle sobre a natureza (NASR, 1968).

Para Nasr (1996), o religioso e cultural não são antagônicos à abordagem tradicional da natureza; elas se sustentam. Porém, foi a ciência moderna que considerou por séculos as visões religiosas e culturais ligadas à natureza como superstições. Como resultado, a idéia de uma natureza sagrada foi abandonada, e deu lugar a uma natureza colocada como uma máquina para produzir benefícios para os humanos, e com isso levou à presente crise ecológica. A ciência moderna é materialista, utilitária e desumana e a considera incapaz de lidar com a presente crise ecológica. Se não houver algum tipo de ação, não haverá paz na terra. A ciência moderna vê a natureza como uma máquina que não possui nenhuma força espiritual. Dessa forma, a ciência moderna promoveu uma visão de mundo mecanicista e materialista, destruindo a metafísica e a compreensão da natureza (NASR, 1996).

De acordo com Khatami (2006), a civilização ocidental se encontra exaurida e senil, e a ciência, comunicação, e a tecnologia aceleraram o ritmo das mudanças. A ordem capitalista é o elemento central do ocidente, e devido a isso encontrou algumas dificuldades no século XX, com as duas Guerras Mundiais.

De certa forma, podemos pensar a falta da conexão com a natureza como ponte para interpretações mais rígidas e até equivocadas da religião. O extremismo rejeita todo e qualquer engajamento dialogal com a modernidade. É uma realidade nas religiões nos tempos modernos, e irá surgir sempre como uma reação aos problemas da modernidade. Correspondem a lógicas profundas na nossa sociedade moderna e das religiões. A falta de diálogo quebra noções de respeito e empatia, e de certa forma deixamos de praticar a essência da religião em si. Quando perdemos a essência, perdemos o divino, e até o deslumbramento do estar aqui e agora, e o respeito para com os outros seres vivos.

Nasr (1968) aponta que enquanto o homem não se reconectar com a natureza, ele não irá se conectar com o divino. Quando há a conexão com a natureza há respeito por todas as criaturas, conseqüentemente não há guerra.

Conclusões

Abordar questões sobre religião e natureza se torna crucial. Se torna um chamado, na tentativa de um resgate do ser humano para que ele se reconecte. É importante familiarizar o leitor com o pensamento eco-filosófico e eco-espiritual, mostrar as conexões da natureza com tradições religiosas e espirituais do mundo.

Foi apresentada a conexão do islã com a natureza, e a sua ligação com o divino, está tudo interligado. O Alcorão se dirige não apenas aos seres humanos, mas também ao cosmos. Todas as criaturas participam do Islã. Trazer o texto corânico para essa análise, é de grande relevância, quando se coloca o Alcorão como a crença e um dos alicerces da crença islâmica.

Analisar algumas islamidades, a partir da natureza, é capaz de nos conectar com a essência da religião em si, principalmente quando entramos em contato com as obras sufis, que vão muito além da beleza, são carregadas de sentido.

Fazer essa linha, citando o Alcorão, colocar idéias da origem do pensamento islâmico, e trazer os tempos atuais, a modernidade e suas questões, também nos faz refletir, aquilo que se mantém, mas também daquilo que se perdeu por alguma razão. E a conexão com a natureza é uma delas.

Os autores aqui abordados, principalmente Nasr e Khatami, irão trazer questões sobre o que o afastamento da natureza pode gerar na modernidade. Fatos para analisarmos e refletirmos. De acordo com as ideias de Nasr, a degradação do meio ambiente está relacionada à degradação e à crise espiritual dos humanos modernos. De acordo com seu entendimento ecorreligioso, uma mudança de paradigma da visão de mundo secular para a visão de mundo espiritual da natureza é essencial. Dessa forma, trazer à tona a espiritualidade sufi, e os versos corânicos, nos fazem recordar essa conexão Criador e Criaturas, e que somos todos interdependentes, e que devemos respeitar todas as criaturas, porque todos somos sagrados por natureza.

Nasr demonstra que quando o ser humano voltar a se conectar com a natureza, ele irá respeitar as criaturas, e como consequência disso não haverá guerras. Temos aqui por sua vez, uma abertura dialogal, que nos permite trabalhar ideias para alcançar a tão desejada paz.



Bibliografia

- AZEVEDO, Mateus S. **Mística islâmica: atualidade e convergência com a espiritualidade cristã.** Vozes: Petrópolis, 2000.
- CARVALHO, José J de. **Poemas místicos.** Ed Attar: São Paulo, 1996.
- CHEREM, Youssef. **Jihad: Duas interpretações contemporâneas de um conceito polissêmico,** Campos, UNICAMP 10(2), 2009, pp. 83-99.
- _____. **Jihad: Interpretações de um conceito polissêmico.** História e Sociedade – Ciências da Religião – V. 11, N. 2, 2013.
- EL-HAYYEK, Samir. **Alcorão Sagrado,** Ed. Fambras: Guarulhos, 2002.
- GOTTLIEB, Roger S. **This sacred earth: Religion, nature, environment.** Routledge: London, 2004.
- LAWRENCE, Bruce. **Mensagens ao mundo de Osama bin Laden.** Temas e Debates: Lisboa, 2006.
- NASR. Seyyed Helmi. **O Nobre Alcorão.** Fundação Rei Fahd Abdul Aziz: Medina, Arábia Saudita, [s.d].
- _____. **The Encounter of Man and Nature: The Spiritual Crisis of Modern Man.** George Allen and Unwin: London, 1968.
- _____. **Religion and the Order of Nature.** Oxford Universe Press: New York, 1996.
- _____. **Islamic Quarterly.** Ed. 4: London, vol. 34, Jan 1, 1990.
- _____. **Islam, the Contemporary Islamic World, and the Environmental Crisis in Islam and Ecology: A Bestowed Trust,** ed. Richard C. Foltz, Frederick M. Denny, and Azizan Baharuddin. Harvard University Center for the Study of World Religions [Harvard Divinity School] with Harvard University Press: Cambridge, MA, 2003.
- _____. **The Study Quran.** Ed Harper One: San Francisco, California, 2015.
- RUMI, Jallaluddin. **Masnavi.** Edições Dervish: São Paulo, 1992.
- _____. **Rubâi'yât.** Albin Michel: Paris, 1993.
- _____. **Fihî ma fihî.** Edições Dervish: São Paulo, 1993.
- SANTOS, Karolina. **O jihad do coração e as perspectivas do diálogo.** Anais da FAJE, Belo Horizonte, Outubro, 2018.
- TEIXEIRA, Faustino. **Rumi a paixão pela unidade.** REVER, Revista de Estudos da Religião, n. 4, 2003, pp. 20-41.
- TEIXEIRA, Faustino. **O sufismo e a acolhida da diversidade religiosa.** Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 7, n. 1, p. 45-63, jan./abr. 2015.
- VIOLA, E. **O Regime Internacional de Mudança Climática e o Brasil.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, nº 50, 2002, pp. 25-46.
- Entrevista: Seyyed Hossein Nasr on Islam and the Preservation of the Natural Environment. Center for international and regional studies. Georgetown University Qatar. Disponível: <https://cirs.georgetown.edu/community-outreach/seyyed-hosseini-nasr-islam-and-preservation-natural-environment>. Acesso: 03 de outubro de 2020.

Submetido em: 31/10/20

Aceito em: 23/12/20